



Instituto de Comércio Internacional de Xangai, “até 2012, o crescimento baseava-se no investimento e nas exportações líquidas e agora está a direcionar-se para o consumo e para a inovação, ainda que esteja a ocorrer num contexto internacional tumultuoso no curto prazo. Sem dúvida que há interesses instalados, mas a recente decisão de avançar com as zonas de comércio livre — começando por Xangai — sugere que a liderança chinesa é capaz de ultrapassar os constrangimentos”.

Elefantes brancos e subúrbios fantasma

No entanto, há o risco da aterragem suave poder deslizar para forçada, diz-nos Rui Oliveira, diretor da Sonae Sierra em Xangai. “O Governo chinês deveria deixar de interferir na economia de forma significativa e em particular no sistema financeiro. Deveria deixar de tentar, por via artificial, fazer ajustamentos, o que estende no tempo os problemas com custos elevados. Estamos a falar particularmente da questão do sistema bancário sombra e da bolha imobiliária”, afirma este gestor português.

Muitos consultores que se têm debruçado sobre a situação chinesa colocam muitos alertas. Muito do ritmo de crescimento económico a dois dígitos, particularmente desde o início do século XXI, incorpora desperdício, capacidade excedentária (nos sectores industriais é em média de 30%), ‘elefantes brancos’, quarteirões e espaços comerciais fantasma sobretudo nas cinturas suburbanas, e um custo brutal em externalidades ligadas à poluição. Anne Stevenson-Yang, cofundadora da consultora J. Capital Research, uma *boutique* de consultoria especializada na China, fala-nos de um cenário de “declínio

deflacionário, com procura baixa de crédito, capacidade excedentária e queda de preços”. A situação do endividamento é alarmante. Segundo a consultora, cerca de 100% do novo crédito injetado no sistema é atualmente para refinar dívida.

Movimentações globais

Mas, em março, a China entrou no radar dos analistas da geoconomia por três razões.

Shaozhuang Ma, professor chinês no ISCTE em Lisboa, sustenta que as principais potências da União Europeia manifestaram o seu interesse em serem membros fundadores do Banco de Investimento Asiático em Infraestruturas, sediado em Pequim. Um banco que foi iniciativa de 21 países asiáticos, destinado a investir em projetos de energia, transportes e comunicações na região, recolhia até final de março o apoio adicional de mais de uma dezena de países não asiáticos, do FMI e do Banco de Desenvolvimento Asiático. Outras iniciativas no terreno do investimento global têm forte envolvimento chinês como o Novo Banco de Desenvolvimento criado pelos BRICS. Alguns analistas torcem o nariz a estas iniciativas considerando-as verdadeiros “cavalos de Troia” da China no sistema de organizações financeiras plurinacionais.

Outro evento de relevância foi o pedido de Pequim formulado por primeiro-ministro Li Keqiang junto da diretora-geral do FMI Christine Lagarde para que o renminbi seja incluído no cabaz das divisas que baseiam os Direitos Especiais de Saque do Fundo, cuja revisão é feita este ano no outono. O cabaz atualmente conta com o dólar, o euro, a libra e o iene. Durante a visita esta semana de Jack Lew, secretário do Tesouro norte-americano,

FRASES

“O chinês comum vive melhor com 7% de crescimento do que há 10 ou 15 anos com uma taxa de crescimento de dois dígitos”

VIRGÍNIA TRIGO
Diretora de Programas do ISCTE na China

“Mesmo que o crescimento caia para 3 a 4% penso que será um ajustamento muito bem-sucedido”

MICHAEL PETTIS
Professor na Universidade de Pequim

“O Governo chinês deveria deixar de interferir na economia de forma significativa e em particular no sistema financeiro”

RUI OLIVEIRA
Diretor da Sonae Sierra em Xangai

“Na Europa do Sul, o interesse da China dirige-se às privatizações em Espanha, Grécia, Itália e Portugal”

DAN STEINBOCK
Professor no Instituto de Comércio Internacional de Xangai

as autoridades chinesas procuraram sensibilizar os EUA para apoiarem esse desígnio de Pequim. O renminbi é a segunda moeda mais usada nas transações financeiras desde final de 2013 quando ultrapassou o euro, e a sétima em pagamentos à escala global tendo já ocupado o 5º lugar em novembro do ano passado, segundo dados da SWIFT.

Uma das consequências relevantes da afirmação da China como segunda economia mundial desde o segundo trimestre de 2010 é a potenciação do que o casal futurista John e Doris Naisbitt batizou, recentemente, “cintura global do Sul” (ver entrevista). Shaozhuang Ma chama a atenção para a estratégia global “uma cintura, uma rota”, ainda esta semana defendida pelo Presidente chinês Xi Jinping no fórum anual de Boao (uma espécie de Davos do Oriente). A estratégia pretende desenvolver redes de infraestruturas para melhor ligar a economia chinesa com outros continentes, onde a Cintura Económica da Rota da Seda pretende atravessar o continente asiático, fazendo renascer a rota medieval, até ao Báltico e ao Mediterrâneo, e a versão marítima, denominada Rota da Seda Marítima do século XXI, objetiva fazer a ligação entre o Pacífico, o Índico e o Atlântico, uma espécie de “caminho” ao inverso da expansão global portuguesa manuelina. Em relação à Europa especificamente, a China tem objetivos geoestratégicos, recorda-nos Dan Steinbock. “No Norte da Europa, os investidores chineses estão a concentrar-se na alta tecnologia e na inovação. No Sul, o interesse dirige-se às oportunidades de privatização, particularmente em Portugal, Grécia, Itália e Espanha. Na Europa Central e Oriental, a estratégia vai dos portos gregos através dos Balcãs até às economias do centro.”

economia@expresso.imprensa.pt

Doris e John Naisbitt
Futuristas radicados em Tianjin

“Pequim diz que não quer a hegemonia”



Doris e John Naisbitt, a viver na China, lançaram, em mandarim, “Mudança no Jogo Global” FOTO ANDREAS RENTZ / GETTY

John Naisbitt, o futurista americano que inventou as “megatendências” nos anos 1980, está de volta, com um conceito geoestratégico novo, o da “cintura global do Sul”. É o tema de “Mudança no Jogo Global”, o mais recente livro do casal Naisbitt, que desde 2007 fundou o Naisbitt China Institute na Universidade de Tianjin, na sexta cidade mais populosa da China. O livro foi publicado em mandarim em janeiro e só depois começou a ser traduzido em várias línguas num movimento que pretende ir de Oriente para Ocidente. A nova “cintura” é um espaço horizontal, a sul, que vai da Ásia à América Latina, e onde a China é o país que está a mudar o jogo.

■ A cintura global do Sul pretende ser um novo conceito geoestratégico?

■ John: O nosso livro fala das mudanças económicas e geopolíticas à escala global. O que implica o declínio do Ocidente, apesar de todas as opções, e a ascensão de cerca de 150 países que, pela sua localização geográfica, englobámos coletivamente no que chamamos de cintura global do Sul. O globo centrado no Ocidente está a dar lugar a um mundo multicêntrico, ainda que os Estados Unidos e a China continuem a ser as maiores economias por um longo período.

■ O que está a emergir nessa “cintura”?

■ John: No livro descrevemos a atual enorme abertura para novas alianças e novas rotas comerciais e sublinhamos as necessidades crescentes de uma cada vez maior classe média global.

■ A “cintura” pretende substituir o conceito de emergentes e os BRICS?

■ Doris: Não. Os BRIC foram um guia interessante mas baseado desde o início numa base economicamente desigual. Juntar a África do Sul não ajudou muito. Os países dos BRICS, com exceção da Rússia, são parte das economias da “cin-

tura”, mas, na realidade, só a China conseguiu concretizar as promessas que se geraram em torno dos BRICS. Contudo, sob a liderança da China, os BRICS podem desenvolver-se em algo maior, como o Novo Banco de Desenvolvimento sugere.

■ Os EUA, a Europa e a Rússia estão fora dessa equação a sul?

■ Doris: Os EUA e a União Europeia continuarão a ser jogadores importantes mas com um papel decrescente. A ação principal decorre na cintura do Sul. No ano passado a relação entre a China e a Rússia foi influenciada pela deterioração da relação entre a União Europeia e a Rússia. A China e a Rússia definiram uma meta de 100 mil milhões de dólares no comércio bilateral este ano e do dobro em 2020. Mas está ainda para ver, no longo prazo, se a Rússia vai ser apenas o vizinho com quem se negocia, ou o parceiro em que se confia.

■ A China vai ser a potência hegemónica nessa cintura?

■ John: A China é, sem dúvida, o país que está a mudar o jogo, não só para os países da cintura do sul como para o Ocidente. No entanto, a China continua a dizer ao mundo que não procurará nunca a hegemonia, mas certamente que exigirá um papel de liderança nos assuntos globais.

■ Como está a decorrer a transição de modelo económico na China?

■ Doris: O processo é diferente do Ocidente, o Governo da China não tem de lidar com ciclos eleitorais. Sem dúvida que tem uma série de problemas internos a resolver, mas pode fazê-lo sem tomar decisões de curto prazo anulando metas de longo prazo. Sem dúvida que há muito a dizer sobre desenvolvimentos sociais e outros riscos sistémicos, mas é um facto que a China tem gerido, e continua a gerir, a sua transição económica e financeira com mais sucesso do que qualquer outro país na história.